

O nascimento de um mito argentino em *La Pasión Según Eva*, de Abel Posse

Profa. Dra. Fernanda Ap. RIBEIROⁱ (Unifal-MG)

...

Resumo:

O romance histórico contemporâneo na América Latina tem como um dos objetivos oferecer aos leitores uma nova interpretação do passado histórico, proporcionando leituras distintas daquelas instauradas pela historiografia tradicional. Assim ocorre com o romance La pasión según Eva (1994), do escritor argentino Abel Posse, que retoma a história de Eva Perón (1919?- 1952) por meio da voz da própria protagonista, bem como de outros personagens, tecendo um discurso polifônico que revive o mito de Evita. O texto não segue uma linha cronológica crescente, pois são superpostos os tempos históricos – o presente da narração, os últimos nove meses de vida de Evita, enquanto são rememorados fatos de sua vida desde a infância. Como afirma Magdalena Perkowska (2008), o romance histórico proporciona outras possibilidades para reler o passado histórico a luz dos fatos presentes – e é essa, pode-se dizer, uma das finalidades do romance de Abel Posse.

Palavras-chave: Romance histórico contemporâneo, Abel Posse, La pasión según Eva.

Em 26 de julho de 1952 morria um dos maiores mitos argentinos: Evita Perón. Segundo as referências biográficas conhecidas, Eva Maria Duarte ou Eva Maria Ibarguren nasceu em Los Toldos, provavelmente no ano de 1919, apesar de sua certidão de nascimento indicasse 1921 – como se sabe, o documento foi forjado na época em que ela casou-se com Perón. Eva vai para Buenos Aires para tentar a carreira de atriz, que não chegou a ser promissora. Seu reconhecimento nacional inicia a partir do fato de que, em outubro de 1945, os sindicatos se reuniram na Plaza de Mayo para pedir a liberdade de Juan Perón – vice-presidente que foi preso após um golpe de Estado. Acreditou-se, na época, que Evita teve um papel decisivo na mobilização das massas e que desencadeou a vitória de Perón na eleição presidencial do ano seguinte. Como primeira dama, ela começou a trabalhar com assistência social, inaugurando a Fundação Eva Perón, com a qual ajudava os menos favorecidos. Em 1952, faleceu de câncer e seu esposo mandou embalsamar seu corpo, que ficou alojado nas dependências da CGT (*Confederación General de Trabajo*). Em 1955, após um golpe militar na Argentina, os comandantes resolveram levar o corpo embalsamado de Evita para Milão e somente na década de 70 é que foi devolvido a Perón, que se encontrava em exílio em Madrid. Atualmente, ele está sepultado no cemitério de La Recoleta, em Buenos Aires.

A saga de Evita é retomada pelo escritor argentino Abel Posse (1934-) no romance *La pasión según Eva* (1994), por meio de um entrelaçado de vozes que oferecem uma leitura dialógica, numa superposição de tempos, pois o texto não segue uma linha cronológica crescente, pois são superpostos os tempos históricos – o presente da narração, os últimos nove meses de vida de Evita já enferma, e os fatos de sua vida desde a infância até se tornar primeira dama.

A narrativa de Posse inicia-se por volta do mês de novembro de 1951, a nove meses do falecimento de Evita Perón. No início, alternam-se as vozes de Eva Perón e de Atilio Renzi, intendente do Palácio Unzué. Depois, aparecem as falas do padre Benítez, confessor de Eva, e outras personagens secundárias como Pibe, Presta, Muñoz, Elena Lucena, Silvana e outras mais que, de alguma maneira e, mesmo de forma rápida, participaram da vida de Evita, agregando informações a tudo o que já foi descrito pela história. Assim, o romance resgata uma personagem histórica e os fatos ocorridos com ela, utilizando as vozes marginais que não se encontram nas

versões da história de Eva. Recordar-se, aqui, que são três as interpretações do mito de Evita: o mito branco, que descreve Evita como santa; o negro, que a trata como prostituta; e o vermelho, sustentado pelos *montoneros*, tem um caráter de guerrilha.

No romance, as vozes marginais irão recompor a história de Evita, desde seu nascimento até sua morte, pelo viés do mito branco, exaltando, sempre, as suas qualidades. Os nove últimos meses da vida de Evita tornam-se os meses em que gestam Evita não para a morte, mas para a eternidade da memória coletiva dos argentinos, pois enquanto seu corpo vai se definindo por causa do câncer, as reminiscências de sua vida vão se perpetuando na lembrança daqueles que com ela conviveram.

Um dos objetivos da narrativa é demonstrar como Evita percorreu o caminho até ser a mulher mais poderosa do mundo, sendo consciente de seu ato, e que sua morte não a levou para o esquecimento, ao contrário, foi a gestação do mito evitista, que marcou a história da Argentina do século XX.

A narrativa de Posse deixa explícitas as anacronias que estão presentes na história de Eva, expressando como a historiografia é construída a partir de um discurso que se quer se firmar no poder. Um exemplo pode ser encontrado no momento em que a personagem principal, quando já é primeira dama, nega que nasceu no campo de La Unión (Los Toldos, província de Buenos Aires), e exige que se divulgue outra informação em uma revista:

¿Quién es el hijo de la puta que fue a Los Toldos y que dice que nació en Los Toldos? (...)

*- ¡Que estos miserables sepan que nació en Junín! (...) que le adviertan que no existe libertad de prensa alguna, que ahora soy la única que tiene libertad de prensa!*¹ (POSSE, 2005, p. 59).

Junín é a cidade da família de seu pai. Como Evita era uma filha bastarda, ela não aceita que se conheça a sua cidade natal, mas mascara a realidade, com o poder de ser a esposa do presidente, para que seja publicado apenas aquilo que não “mancharia” a imagem de uma mulher “digna”, dentro dos parâmetros de uma sociedade que se embasa na ideologia patriarcal.

Sobre a “desaparição” de Evita do meio artístico durante alguns meses do ano de 1943, o narrador, que arquiteta todas as vozes dentro da narrativa, faz conjecturas sobre os comentários de que ocorreu essa época. Ele refuta a ideia de que ela estivesse num sanatório, porque sua capacidade intelectual nunca foi questionada, ao contrário, o narrador discorre que Eva lutou sempre por uma vida melhor. Sobre a possibilidade de ela ter se engravidado de um ator, ele levanta algumas dúvidas, mas não desfaz a ambiguidade. Por fim, conclui: “*Le adelanto que pienso que el secreto existe y que las personas que conocen sus detalles aún están vivas, pero creo que hay que ser extremadamente prudente y no llegar a errores o suposiciones fáciles*”² (POSSE, 2005, p.157). Ou seja, o próprio narrador acredita que nunca se encontrará a verdade, pois o importante saber a verdade, mas sim sustentar a versão “do vencedor”, pois essa é a que será divulgada para o povo. Assim, ele questiona a veracidade dos fatos narrados pela história, pois essa é, muitas vezes, a versão daqueles que estão no poder e querem manter essa posição – para isso, eles escolhem o que deve ser narrado ou não.

Apesar das personagens secundárias – as vozes marginais da história – testemunharem o mito branco (o da santificação da imagem de Eva), o narrador semeia suas dúvidas, pois houve uma manipulação política, histórica, cultural, de mostrar Eva como uma mulher que não cometeu erros,

¹ Quem é o filho da puta que foi a Los Toldos e disse que eu nasci em Los Toldos? (...)

- Que esses miseráveis saibam que nasci em Junín! (...) que eles sejam advertidos que não existe liberdade de imprensa, que agora sou a única que tem liberdade de imprensa! (Tradução nossa)

² Adianto a você o que eu penso, que o secreto existe e que as pessoas que conhecem seus detalhes ainda estão vivas, mas creio que tem que ser extremamente prudente e não chegar a erros ou suposições fáceis. (Tradução nossa)

ou melhor, houve um intento de construção da imagem de Evita como um ser perfeito, que cuja vida teria caminhado para o amor a Perón y seu povo (los descamisados).

Por isso, a narrativa de Posse também oferece uma interpretação de Evita como uma mulher que tinha uma meta na vida: ir para a capital e ter um destino diferente daquele que estaria reservado a ela, caso ficasse na sua província. Para tanto, ela se esforça para entrar na carreira de atriz de radio novela e de cinema e, depois, ela batalha para conquistar Juan Perón e se destacar na sociedade.

É possível interpretar o título do romance de Abel Posse como se Perón fosse a paixão de Eva, como se verifica no trecho seguinte: “*Ella depuso su mundo y entró en el de él. Dejó el universo de sus ‘heroínas de éter’ (...) y, sin saberlo, encarnó un arquetipo nuevo, que sería tan famoso y universal como el de sus admiradas*”³ (POSSE, 2005, p. 173).

Contudo, a narrativa não se fecha nessa única interpretação, pois a paixão dela poderia ser, justamente, querer ser uma mulher de destaque na Argentina e fora dela, como eram as atrizes famosas do cinema dos anos 40 que ela tanto admirava.

A personagem Presta é uma das testemunhas do trabalho de Eva na Fundação e seu depoimento enfatiza a versão o sentimento de amor de Evita em relação a Perón e seus ideais: “*Comprendí que el ‘peronismo’ de Eva no era algo político. Fue un hecho de amor que se fue haciendo política, pasión ciega, creencia absoluta en su enseñanza*”⁴ (POSSE, 2005, 178). No entanto, o leitor perspicaz percebe que o peronismo de Eva caminhava no sentido de exaltar aquele que estava ao seu lado, pois o engrandecimento dele refletia em sua própria imagem.

Inclusive o narrador faz uma leitura do casal Perón como um ser só: “*hay dos presidentes o un poder bicéfalo o que ‘Tanto monta, monta tanto, Isabel como Fernando’*”⁵ (POSSE, 2005, 291). A ideia do poder político nas mãos de um casal – no qual um não é superior ao outro, mas que ambos tem o mesmo poder – tem correspondência na historiografia do universo hispânico somente com *los dos Reyes Católicos* da Espanha, Fernando e Isabel, que unificaram o país após oito séculos de luta contra os mouros. Nesse sentido, Perón e Evita uniram a Argentina ao associar a presidência do país com o apoio de sindicatos e das massas, que nunca tinham a voz ouvida pelos governantes. Então, a imagem de um corrobora e exalta a imagem do outro, formando um ser andrógono, que se sente realizado e completo.

Mas não é preciso somente uma imagem vinda da Espanha para explicitar a união do casal Perón. O narrador traz em seu relato uma imagem da literatura argentina de formação: “*Perón y Eva se transformaron en algo así como Martín Fierro y el gaucho Cruz: los perseguidos y vituperados de la vida política cotidiana*”⁶ (POSSE, 2005, p.183).

Martín Fierro faz parte da literatura de formação nacional, no século XIX, e representa a luta do gaucho e a consciência histórica de uma nação por parte do autor - José Hernández . Ao lado do personagem lutava o sargento Cruz, seu amigo e defensor.

Nesse sentido, a narrativa entrelaça a vida política de Perón junto a Evita, destacando que ela foi uma peça fundamental no alicerce do peronismo e, com isso, também traça o perfil da personagem principal como uma mulher que saiu do anonimato para alcançar o reconhecimento nacional e internacional. E a “paixão” de Evita por seu marido impulsiona para a consolidação de

³ Ella deixou o seu mundo e entrou no dele. Deixou o universo de suas “heroínas de éter” (...) e, sem saber, encarnou um arquétipo novo, que seria tão famoso e universal como o de suas admiradas. (Tradução nossa)

⁴ Compreendi que o “peronismo” de Eva no era algo político. Foi um ato de amor que se foi fazendo política, paixão cega, crença absoluta no seu ensinamento. (Tradução nossa)

⁵ Há dois presidentes ou um poder bicéfalo ou que ‘Tanto monta, monta tanto, Isabel como Fernando’. (Tradução nossa)

⁶ Perón e Eva se transformaron em algo assim como Martín Fierro e o gaucho Cruz: os perseguidos e vituperados da vida política cotidiana. (Tradução nossa)

sua imagem mítica de uma mulher fiel ao marido e aos seus princípios de lutar a favor da população menos favorecida, como se percebe, no romance, o intento de algumas personagens de “santificar” a imagem de Evita. Um exemplo é o padre confessor, Padre Hernán Benítez, que afirma:

Eva, en su genialidad, descubría el poder en su dimensión sublime: poder dar. Poder acompañar al que sufre. Poder hacer el bien. Poder alimentar. Y, sobre todo, poder directo como el de los santos medievales o la Madre Teresa de Calcuta.

*Y ese poder de santidad, de inesperada generosidad, se empezó a constituir en la verdadera justificación y esperanza del peronismo.*⁷ (POSSE, 2005, p.265)

Todavia, “a paixão” de Evita tem muitas interpretações, inclusive se pode ler como o sofrimento dela nos últimos meses de vida, passando pela dor gerada pela enfermidade e por todo o processo de luta contra o câncer. O título do livro, *La pasión de Eva*, também pode ser lido como “Paixão e morte de Eva”, associando-se ao martírio de Jesus Cristo. Assim como o Filho de Deus morreu e ressuscitou, Evita também morre e ressuscita na memória do seu povo e em cada texto que recorda a sua vida.

O que se pode afirmar, pela leitura do romance, que tudo o que ela fez, viveu ou manipulou em sua vida, tem como consequência a construção de sua imagem como um mito a ser reverenciado pelas massas e como uma memória coletiva presente na vida, na história e na cultura argentina.

É possível que a melhor representação do percurso da construção do mito evitista esteja na imagem do corpo de Eva que aparece ao longo do romance. De início, ele é descrito como um corpo raquítico, que não tem visibilidade nem aparência. Durante essa etapa, Eva é apenas uma menina-adolescente que sai do interior para a capital em busca de seu sonho de ser uma atriz. Ao entrar na fase adulta, o corpo ganha “forma”, modela-se e se mostra com toda a sua feminilidade. A partir desse momento, a carreira de atriz de Eva começa a se delinear e termina no momento em que Perón entra na sua vida. Como primeira dama, seu corpo se estabelece como uma mulher no auge de sua fase adulta e, nesse momento, seu mito passa a ser solidificado. Após a morte, o corpo é embalsamado e o mito evitista é perpetuado na história de seu país.

Caminhando para a conclusão, o romance de Abel Posse faz um diálogo entre a história e a ficção, adentrando no que podemos chamar de “romance histórico contemporâneo”. Nesse tipo de narrativa, encontram-se várias características como a intertextualidade, a ficcionalização dos personagens históricos, a releitura da história e a multiplicidade de perspectivas com o objetivo de oferecer outra(s) versão(ões) distintas daquelas instauradas pela história, distanciando-se de forma consciente da historiografia oficial, como aponta Fernando Aínsa (1991), um dos teóricos do novo romance histórico latino-americano.

Muitos são os estudos sobre esse subgênero narrativo na América Latina, especialmente após as décadas de setenta e de oitenta. Diversos críticos teorizam suas características e o nomeiam de diversas formas: novo romance histórico (Aínsa e Menton), metaficção historiográfica (Hutcheon), ficção histórica (Weinhardt) e narrativa de extração histórica (Trouche).

De todas as características que os críticos levantam sobre esse romance histórico contemporâneo, acredita-se que uma das principais seja aquela que Magdalena Perkowska aponta na introdução de seu livro, *Historias híbridas* (2008, p. 42):

(...) los novelistas dibujan un nuevo mapa para el concepto de la historia y su discurso. Vista desde esta perspectiva, la novela histórica latinoamericana no cancela la historia sino que redefine el espacio declarado como “histórico” por la

⁷ Eva, em sua genialidade, descobria o poder em sua dimensão sublime: poder dar. Poder acompanhar o que sofre. Poder fazer o bem. Poder alimentar. E, sobre tudo, poder direto como o dos santos medievais o da Madre Teresa de Calcutá. E esse poder de santidad, de inesperada generosidade, começou a constituir na verdadeira justificação e esperança do peronismo. (Tradução nossa)

*tradición, la convención y el poder, postulando y configurando en su lugar las historias híbridas que tratan de imaginar otros tiempos, otras posibilidades, otras historias y discursos.*⁸

Esse é o foco do romance histórico contemporâneo na América Latina: redefinir a relação com a história, não com o objetivo de anulá-la, mas sim de recolocar a história dentro de um espaço novo, em que se permitem diversos tempos, várias versões e outros discursos que auxiliam na interpretação do passado.

As leituras apresentadas por esse tipo de narrativa questionam a crença na história dos europeus e a construção da identidade europeia. A literatura hispano-americana e latino-americana da segunda metade do século XX passa a buscar o seu jeito próprio de representar o passado livre dos padrões europeus. Vera F. Figueiredo destaca que a nova narrativa escrita na América:

Dilui os contornos entre história e lenda, problematizando o discurso racionalista e suas categorias “puras”, para contemplar nossa realidade multifacetada. No lugar do tempo retilíneo, trabalha com a simultaneidade temporal, o tempo circular, o tempo mítico ou a mistura de várias concepções do tempo. Escreve-se uma anti-história que denuncia as falácias da história eufórica dos vencedores. Problematicamente a enunciação com o intuito de relativizar verdades tidas como universais e absolutas. (FIGUEIREDO, 1998, p. 482)

Ou seja, os latino-americanos passam a buscar a sua maneira própria de descrever a realidade que vive e de interpretar o passado a partir dessa realidade, tão distinta dos europeus. Com isso, muda-se também a enunciação e a visão adotada pelos latino-americanos, pois, ao contrário da tradição positivista europeia, o escritor da América Latina questiona a “verdade” apresentada pela história, acreditando que não haja uma só verdade, mas uma realidade que não se consegue abarcar totalmente – e isso impede de haver uma versão apenas dos fatos. A literatura, então, reivindica ser uma leitura a mais da história, da cultura, da realidade latino-americana.

Referências Bibliográficas

- 1] AINSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*. México, 240, p.82-85, 1991.
- 2] DUJOVNE ORTIZ, Alicia. *Eva Perón: a madona dos descamisados*. Trad. Clóvis Márquez. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- 3] FIGUEIREDO, Vera F. de. Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o romance histórico hoje na América Latina. *Cânon e contextos: Anais do 5º. Congresso ABRALIC*. Rio de Janeiro, ABRALIC, 1998, vol. 1. p. 479-486.
- 4] HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- 5] MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992*. México: FCE, 1993.
- 6] PERKOWSKA, Magdalena. *Historias Híbridas. La nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la historia*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2008.
- 7] POSSE, Abel. *La pasión según Eva*. Buenos Aires: Booket, 2005.

⁸ Os romancistas desenham um novo mapa para o conceito da história e seu discurso. Vista desde esta perspectiva, o romance histórico latino-americano não cancela a história, senão que redefine o espaço declarado como “histórico” pela tradição, da convenção e o poder, postulando e configurando em seu lugar as histórias híbridas que tratam de imaginar outros tempos, outras possibilidades, outras histórias e discursos. (Tradução nossa)

- 8] TROUCHE, André Luís G. *América: história e ficção*. Niterói: EDUFF, 2006.
- 9] WEINHARDT, Marilene. *Considerações sobre o romance histórico*. Letras, Curitiba, n. 43, p. 49-59.

i Autor

Fernanda Ap. RIBEIRO, Dra.

Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

Departamento de Letras

E-mail: espanhol.unifal@hotmail.com